



**Comunicação Midiática**

**Revista Comunicação Midiática**  
ISSN: 2236-8000  
v. 12, n. 2, p. 39-54, maio /ago. 2017

---

**Reconexões em redes comunicacionais online:  
o caso “Diversidade Católica”**

**Reconexiones en redes comunicacionales online:  
el caso “Diversidade Católica”**

**Reconnections in online communicational networks:  
The “Diversidade Católica” case**

---

**Moisés Sbardelotto**

Doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com estágio doutoral (PDSE/Capes) na Università di Roma "La Sapienza", Itália. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). m.sbar@yahoo.com.br.

## RESUMO

Neste artigo, analisa-se a ressignificação de práticas religiosas no ambiente online a partir das interações sociais no Facebook em torno do 1º Encontro Nacional de Católicos LGBT, evento organizado em 2014, no Rio de Janeiro, pelo grupo brasileiro “Diversidade Católica”. A partir da reflexão teórica sobre o conceito de reconexão, entendido como processo sociossimbólico de interação em rede, apresenta-se a identidade do grupo e sua relevância no contexto sociorreligioso brasileiro. Em seguida, analisam-se postagens de sua página no Facebook relacionadas ao evento, descrevendo e categorizando diversas modalidades de reconexão. Por fim, conclui-se que, em plataformas como o Facebook, emergem saberes-fazer sobre a religião por parte de interagentes sociais alternativos, mediante uma prática político-ecclesial mediatizada.

**Palavras-Chave:** Reconexão; Mediatização; Facebook; Redes digitais; Religião.

## RESUMEN

En este texto, se analizase la resignificación de prácticas religiosas en el ambiente online, a partir de las interacciones sociales en Facebook en torno del *1º Encuentro Nacional de Católicos LGBT*, evento organizado en 2014, en Río de Janeiro, por el grupo brasileiro “Diversidade Católica”. A partir de la reflexión teórica sobre el concepto de reconexión, entendido como proceso socio-simbólico de interacción en red, se presenta la identidad del grupo y su relevancia en el contexto socio-religioso brasileño. En seguida, se analizan *posts* de su página en Facebook relativas al evento, describiendo y categorizando diversas modalidades de reconexión. Por fin, se concluye que, en Facebook, emergen saberes-haceres alternativos sobre la religión, por parte de interactuantes sociales alternativos, mediante una práctica político-ecclesial mediatizada.

**Palabras clave:** Reconexión; Mediatización; Facebook; Redes digitales; Religión.

## ABSTRACT

This paper analyzes the resignification of religious practices in the online environment, from the social interactions on Facebook around the 1<sup>st</sup> National LGBT Catholics Meeting, organized in 2014, in Rio de Janeiro, by the “Diversidade Católica” group, from Brazil. From the theoretical reflection on the concept of reconnection, understood as a socio-symbolic process of networked interaction, it presents the identity of the group and its relevance in the Brazilian socio-religious context. Afterwards, it analyzes posts related to the event on its page on Facebook, describing and categorizing diverse modalities of reconnection. Finally, it concludes that, on platforms such as Facebook, there is the emergence of alternative savoir-faire about religion of alternative social inter-agents, through a mediatized political-ecclesial practice.

**Keywords:** Reconnection; Mediatization; Facebook; Digital networks; Religion.

## Introdução

No ambiente digital, as práticas sociais, a partir de lógicas midiáticas, complexificam hoje o fenômeno religioso. Formam-se novas modalidades de percepção e de expressão do sagrado em novos ambientes sociais. Cada vez mais, o fenômeno religioso se desloca para ambientes “públicos” como as plataformas sociodigitais<sup>1</sup>, como o Facebook. O “sagrado” passa a circular, fluir, deslocar-se nos meandros da internet por meio de uma ação não apenas do âmbito da “produção” eclesial nem só industrial-midiática, mas também mediante uma ação comunicacional dos inúmeros interagentes conectados.

Aqui, referimo-nos especificamente à interface comunicacional do catolicismo brasileiro em rede. Tal interesse se deve, primeiramente, à relevância sócio-histórico-cultural da Igreja Católica no Brasil. Em termos quantitativos, os dados apontam uma redução histórica do número de católicos no território brasileiro: em 1872, 99,7% da população brasileira era católica; em comparação, no ano 2000, eram 73,6%. Contudo, ainda hoje, a Igreja Católica detém uma maioria religiosa da população do país, com 64,6% do total<sup>2</sup>.

Entretanto, para além dos dados estatísticos, o importante é “distinguir a evidência dos números sobre os católicos da tradição e presença do catolicismo como *referência cultural no Brasil*”, porque, apesar da diminuição da população católica, “não se pode afirmar que o catolicismo deixou de figurar como *uma das referências religiosas estruturantes da nacionalidade e da cultura nacionais*” (Steil; Toniol, 2013, p. 224, grifos nossos). Dentro desse contexto, tomando como eixo de investigação os processos comunicacionais em sociedades em midiatização, interessa-nos perceber, aqui, algumas lógicas e dinâmicas midiáticas que desencadeiam tal referenciação dessa expressão religiosa na cultura nacional hoje, especialmente em tempos de redes digitais.

Atualmente, ao mesmo tempo em que a “grande mídia” vai perdendo o monopólio do agenciamento dos sentidos sociais em geral, as instituições religiosas tradicionais passam por um processo semelhante em relação aos sentidos religiosos, como a Igreja Católica em relação ao catolicismo. Isso graças à emergência de novos sujeitos midiáticos – indivíduos, grupos e demais instituições – que passam a promover modalidades complexificadas de significação do *socius* e do *sacrus* em rede, de forma pública, heterogênea e conexial.

Em sociedades cada vez mais em midiatização, o fluxo comunicacional dos sentidos, principalmente em rede, não se deixa deter ou delimitar por estruturas quaisquer. Embora a instituição Igreja Católica busque fazer um uso “bom e sagrado” da internet – por exemplo, com a entrada de Bento XVI no Twitter (Sbardelotto, 2013) ou de Francisco no Instagram (Sbardelotto, 2016a) –, o fluxo de sentidos sobre o que é “ser católico”, seus saberes e fazeres, encontra brechas e escapes no processo de circulação social, indo muito além (ou ficando muito aquém) dos interesses eclesiásticos institucionais. Mediante ações comunicacionais diversas, a sociedade reconstrói midiaticamente os sentidos em circulação.

Poderíamos falar, nesse contexto, da emergência e da circulação do “católico”, ou seja, de uma diversificada e difusa rede de relações entre símbolos, crenças e práticas vinculados à experiência religiosa católica, à tradição histórica do catolicismo ou à instituição Igreja Católica, construída midiaticamente pela sociedade e que torna possível a comunicação sobre tais crenças e práticas entre os interagentes sociais (Sbardelotto, 2016b). Isto é, o “católico” seria, ao mesmo tempo, um produto da interação e da comunicação entre os

agentes sociais em rede e, por outro lado, sem ele, não seria possível tal processo de interação e comunicação.

Desse modo, se é possível entender o “católico” como “uma ‘rede’ de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente” (Moscovici, 2011, p.210) sobre o catolicismo, podemos entrever uma tríplice rede em jogo e que merece análise: uma rede (internet) de redes (plataformas sociodigitais como o Facebook) em que circula uma rede de construtos sobre o catolicismo (o “católico”). Todos esses processos alimentam e dão corpo à circulação comunicacional na internet, mediante um processo que aqui chamamos de *reconexão*.

Encontramos um caso significativo dessas processualidades comunicacionais na preparação, divulgação e repercussão no Facebook do *1º Encontro Nacional de Católicos LGBT*, ocorrido no Rio de Janeiro em 2014. O encontro foi organizado pelo grupo *Diversidade Católica* (DC), junto com diversos grupos-irmãos no Brasil, como um momento de partilha e troca de experiências entre católicos LGBTs brasileiros. Grande parte da articulação dos diversos participantes ocorreu no Facebook, mediante a página do próprio DC, assim como a página de um “evento” criada para esse fim.

Neste artigo, primeiramente, aprofundamos teoricamente o conceito de reconexão, como um processo sociossimbólico de interação em rede. Em seguida, apresentamos a identidade do grupo DC e a sua relevância no contexto sociorreligioso brasileiro, para, em seguida, descrever algumas postagens de sua página no Facebook, analisando-as a partir do conceito de reconexão.

Para tal análise, foi selecionado o período entre os dias 7 de julho de 2014 (publicação do primeiro convite para o evento), até o dia 4 de agosto de 2014 (última postagem com repercussão do encontro), tanto na página *Diversidade Católica* no Facebook<sup>3</sup> (de autoria exclusiva dos administradores), quanto na subpágina específica do evento<sup>4</sup> (em que usuários comuns também podiam publicar postagens próprias). Para confrontar nossas inferências com as dos interagentes envolvidos, recorremos também a entrevistas focais semiestruturadas com os responsáveis pela página do DC no Facebook.

Por fim, concluímos que, em plataformas sociodigitais como o Facebook, vão sendo construídos saberes-fazer sobre o catolicismo por parte de diversos interagentes, em redes de poder religioso não mais centralizadas na instituição. Nestas, os vínculos comunitários se constituem e se sustentam mediante a experimentação e a invenção religiosas, deslocando o papel das instituições religiosas na construção social de sentido em torno do sagrado.

### **Reconexões: conectando conexões em sociedades em midiatização**

Em ambientes sem qualquer vinculação explícita com expressões religiosas, como o Facebook, diversos interagentes encontram formas de simbolizar pública e autonomamente o sagrado, reconciliando a sua profundidade interior com o mundo ao seu redor, mediante textos, imagens, vídeos. Em rede, ocorre uma experimentação religiosa, que se caracteriza pelas manifestações sociais públicas sobre o religioso, delineando uma prática religiosa específica das sociedades em midiatização.

Mas pensar a midiatização da religião não significa apenas perceber como as religiões hoje são “mediadas” pelas mídias contemporâneas. O processo de midiatização da religião é muito mais complexo do que a “mediação religiosa das mídias” ou a “mediação mi-

diática das religiões”. Nos novos contextos de interação social, surgem também religiosidades renovadas e sentidos emergentes de “sagrado” e “sacralidade”, em que as mídias podem ser *fonte* de religiosidade e *indicador* de mudança religiosa e espiritual – *mudando a religião* mediante tais interações e *sendo mudadas por* essa relação (Hoover, 2008). Nesse sentido,

as relações entre o “mundo da vida” e o sagrado se estruturaram e se articulam em torno de processos de experimentação tecno-simbólicos, aos quais se submetem rituais e liturgias, enquanto requisitos fundamentais para a produção da crença, hoje. Mergulhados em operações de contato, envoltos em uma ambiência de fluxos e de conexões, os indivíduos se veem diante de uma nova “economia do sensível” que gera os dispositivos e provisões mediante os quais se remetem ao sagrado (Fausto Neto, 2010, p. 10).

Nesse deslocamento, “o fenômeno midiático amplia a semântica cultural da religião, ultrapassando as próprias instituições religiosas e suas propostas de controle” (Carranza, 2011, p. 55), abrindo-se às múltiplas construções de sentido sociais em processos midiáticos, que, por sua vez, não estão dados de antemão, mas se constituem a partir de práticas religiosas locais. A midiatização, em suma, catalisa a publicização da religião, que não pode mais ser entendida apenas como instituição ou doutrina fixada; ela também tem a ver com práticas e experiências encarnadas socialmente por indivíduos, coletivos e instituições em ambientes públicos, abertos, em interação e conexão constante.

Hoje, praticamente todos os âmbitos da vida religiosa – historicamente marcada por rituais iniciatórios, reservados a poucos escolhidos – estão expostos à experiência de qualquer indivíduo. A midiatização digital “permite acima de tudo pôr-se imediatamente em uma situação de criação” (Flichy, 2010, p. 21, trad. nossa), graças ao maior acesso e facilidade de uso das tecnologias digitais, “marcadas pelos comportamentos de autonomia individual e de ‘conectividade’” (ibid., p. 15, trad. nossa), que possibilitam o desenvolvimento de novas práticas sociais. Especialmente com a internet, “é o homem comum, sem qualquer visibilidade corporativa, que dá à ambiência da comunicação e da informação generalizada o estatuto de nova esfera existencial” (Sodré, 2014, p. 116).

Na interface com as religiosidades e práticas religiosas, manifesta-se, na circulação do “católico” em redes comunicacionais online<sup>5</sup>, a “capacidade tecnológica [da humanidade] de utilizar, como força produtiva direta, aquilo que caracteriza nossa espécie como uma singularidade biológica: nossa capacidade superior de *processar símbolos*” (Castells, 2000, p. 110-111, grifo nosso).

Na ação sobre símbolos e discursos mediada por tecnologias e regularidades sociais encontramos a explicitação específica daquilo que Morin (1999) chama de computação. Trata-se de “um complexo organizador/ produtor de caráter cognitivo” (p. 51), que pode ser concebido mais simplesmente como “tratamento de símbolos” (p. 50). Portanto, não se trata apenas das operações de uma “máquina artificial” (que também se fazem presentes nas plataformas sociodigitais), mas principalmente das “atividades inteligentes do espírito humano” (ibid., p. 51). Mas, nas ações comunicacionais aqui em análise, percebemos que a construção de sentido sobre o “católico” se dá como uma *computação de terceira ordem*, ou seja, a computação (a produção de sentido do agente) de uma computação (reconhecimen-

to de sentidos sociais pelo agente) de uma computação (a produção de sentido dos diversos agentes sociais em conexão).

Nesse sentido, o “católico”, como macroconstruto social, envolve inúmeras ações locais de *reconexão*, que possibilitam a percepção e também a expressão de sentidos, e a interação entre interagentes: ou seja, *processos sociossimbólicos de interação em rede*. A reconexão, desse modo, envolve ações comunicacionais de construção de sentido em plataformas socio-digitais que dependem da “conexão” e da “computação” *stricto sensu* de um computador (o maquinal) e de um computante humano (o maquinante). Mas vão além delas, mediante uma ação de “conexão das conexões” e de “computação das computações” em rede, gerando uma “conexão” e um “cômputo” muito mais complexos do que algo meramente humano e/ou tecnológico: os processos sociais e simbólicos das redes comunicacionais online, para além dos seus elementos informacionais/computacionais.

Mediante reconexões, os interagentes produzem algo que emerge das suas trocas comunicacionais, em uma *coprodução de sentido*, em que as páginas, ao postarem algo, só o fazem por terem sido movidas por outras ações e, assim, também desencadeiam ações outras por parte dos demais interagentes que, por sua vez, afetarão potenciais novas ações de outros interagentes ainda, e assim indeterminadamente. Esse processo comunicacional não possui um começo absoluto, sendo impossível tudo construir (ou destruir) *ab ovo*. “O novo apresenta-se sempre como síntese e assunção diferente do anterior e do velho” (Boff, 1994, p. 141) em torno dos sentidos em circulação.

A partir desse contexto, passamos a analisar, agora, as reconexões operadas na página do DC no Facebook.

### **Diversidade Católica no Facebook: análise de reconexão**

No contexto católico, vem emergindo com força, no mundo inteiro, um novo “sujeito eclesial” que demanda o seu espaço e reconhecimento eclesial: a pessoa homossexual<sup>6</sup>. É nesse contexto de afirmação e busca de reconhecimento por parte das pessoas gays no interior de uma instituição como a Igreja Católica que se insere o surgimento e a ação comunicacional do grupo DC.

Trata-se de uma “minoridade periférica” emergente no contexto eclesial contemporâneo. Mas sua “minoridade” vai além da inferioridade quantitativa de seus membros (em comparação com uma “maioria” católica) e envolve ainda o fato de poder ter uma “voz ativa e qualitativa” no contexto eclesial, de se “fazer ouvir” por parte da Igreja Católica como um todo, já que as pessoas gays, no âmbito católico, ainda não têm acesso à “fala plena” nas principais instâncias da vida da Igreja Católica (cf. Sodré, 2005). Como periferia, o DC se insere no conjunto de “sistemas culturais que se caracterizam por estar menos regulados (menos descritos) por parte dos ‘núcleos’ dominantes desses sistemas” (Ibrus, 2015, p. 236, trad. nossa), como a instituição eclesial. Por isso, o grupo atua de forma relativamente autônoma dentro da Igreja, como vanguarda ou subcultura católica, com certa independência das estruturas de poder eclesiásticas.

O grupo DC nasceu em 2006, no Rio de Janeiro. A apresentação disponível em seu site o define como “um grupo de leigos católicos que compreende ser possível viver duas identidades aparentemente antagônicas: ser católico e ser gay, numa ampla acepção deste termo, incluindo toda diversidade sexual (LGBT)”<sup>7</sup>. Trata-se de um caso de autonomização

e publicização de um “sujeito socioeclesial” específico (o gay assumidamente católico), que manifesta midiaticamente suas competências comunicacionais.

Serra, psicóloga membro do grupo desde 2008, explica que “o *Diversidade* nasceu na internet” (informação verbal, 16 out. 2015), ainda em 2006, quando um grupo de pessoas, gays e não gays, começaram a conversar sobre como conciliar as identidades gay e católica. E assim criaram um site. Com a demanda de ainda mais interação com as pessoas interessadas, surgiu também um blog<sup>8</sup>, que possibilitou um contato mais próximo entre os leitores, que podiam comentar publicamente cada postagem. “E o que nós vimos com o blog e depois com o Facebook – afirma Cristiana – foi que a nossa capacidade de comunicação se expandiu para lugares onde vai demorar muito para se ter um grupo” gay católico gay (informação verbal, 16 out. 2015).

Temos, assim, uma rede tríplice que perpassa as redes comunicacionais online em que o DC se faz presente: a homoafetividade, o catolicismo e a cultura digital. Por sua vez, os próprios usuários vão reconhecendo a competência e a experiência dessas páginas como “especialistas” (ou até mesmo como “autoridades”) na sua proposta, não apenas ao visitá-las, mas também ao “curti-las” e principalmente ao entrar em diálogo com seus responsáveis nos comentários de cada postagem. A página do DC no Facebook<sup>9</sup>, portanto, constitui um “dispositivo simbólico, com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra-hegemônica” (Sodré, 2005, p. 12) no universo católico.

Nos diversos níveis de interação na página do DC no Facebook, percebemos que não apenas os administradores, mas também os usuários operam ações que vão além do já dado em termos sociais, tecnológicos e simbólicos sobre o “católico”, em processos de circulação comunicacional. Conectam-se, assim, conteúdos simbólicos, tecnologias, usuários, contextos socioculturais e midiáticos em redes comunicacionais online, a partir de reconstruções locais específicas.

A própria página nasce como decorrência de processos comunicacionais que, por sua vez, ao passarem a existir no ambiente digital, levaram a outros processos de interação presenciais. Ou seja, um grupo de pessoas – gays e não gays, clérigos e não clérigos –, todas ligadas ao catolicismo, começaram a buscar formas para conciliar essas duas identidades. Foi mediante essas “pré-reconexões” que surgiu o site do grupo que, no decorrer do tempo, levou ao surgimento da página no Facebook. E, segundo Cristiana, “a demanda por encontros presenciais surgiu a partir do surgimento do site” (informação verbal, 16 out. 2015). Com o Facebook, por sua vez, “a nossa capacidade de comunicação se expandiu para lugares onde vai demorar muito para se ter um grupo [...]. Vimos que o que estávamos falando [...] começou a chegar longe, muito longe” (informação verbal, 16 out. 2015). Ou seja, emergiram novas possibilidades de reconexão interacional.

O *1º Encontro Nacional de Católicos LGBT* é fruto desse processo. Ocorrido no Rio de Janeiro no dia 26 de julho de 2014, o evento reuniu grupos católicos gays de São Paulo, Brasília, Recife/Olinda, Belo Horizonte, Curitiba e Ribeirão Preto, como um momento de partilha e de troca de experiências entre católicos LGBTs brasileiros sobre “quem são, como vivem sua identidade religiosa, como sentem a comunidade da qual fazem parte e como se dá sua atuação através dos vários grupos leigos organizados”<sup>10</sup>. Contudo, o principal fato nesse processo, em termos comunicacionais, é que

muita gente chegou no encontro [nacional] pela internet, *pela página do evento no Facebook*. Como plataforma, é impressionante o nível de interação. E aí a coisa da interatividade no melhor sentido possível, dessas formações, dessas interações e formações sociais espontâneas, que acontecem, é uma coisa rizomática, nessa plataforma. Como fenômeno, é muito interessante, muito rico e ganha um corpo. O Encontro Nacional, sem o Facebook [...], não teria acontecido (informação verbal, 16 out. 2015).

O caso do *1º Encontro Nacional de Católicos LGBT*, desse modo, envolve inúmeras inter-relações em rede entre o grupo e os demais interagentes: uma rede offline de pessoas e grupos católicos gays que ativam redes comunicacionais online no Facebook em torno do evento que, como principal resultado, dá origem à “institucionalização” de uma rede nacional de católicos gays com a constituição de uma rede comunicacional online no Facebook.

Mediante sua página no Facebook e a página específica do evento, o DC fazia circular seus diversos conteúdos entre os usuários e, por sua vez, levava os usuários a transitarem por tais ambientes, construindo simbolicamente o Encontro Nacional e sua relevância socioeclesial a partir dessas diversas reconstruções externas. Os usuários, por sua vez, também realimentavam tais reconexões mediante “curtidas”, comentários e compartilhamentos, dando novos desdobramentos às postagens, fazendo-a circular em novas redes comunicacionais online locais.

Com seus comentários, as pessoas exponenciavam o fluxo circulatório da página, pois tais postagens poderiam ser visualizadas por outros “amigos” na plataforma, ao serem notificados dessa ação comunicacional. Isso ocorreu, por exemplo, no caso do usuário “Carlos”, que compartilhou uma postagem da página do DC, acrescentando o seu comentário: “Sou feliz por ser católico inclusivo, e a igreja mãe abrindo os braços para acolher seus filhos que estão voltando”. E outro “Carlos” compartilhou outra postagem da página, afirmando: “Sou #Gay sou #Católico tenho Fé!” (sic).

Ao reconectarem tais postagens com outras redes comunicacionais online, tais usuários também ressignificavam seus sentidos, acrescentando suas considerações pessoais em torno da identidade católica gay, levando seus seguidores, por sua vez, a tomarem conhecimento de tais conteúdos perpassados por tais mediações. Por outro lado, cabe ressaltar que tais reconhecimentos identitários públicos como o que faz o segundo “Carlos” (“sou gay católico”) demandam uma grande autonomia comunicacional por parte do usuário no âmbito católico, pela exposição e possível repercussão que isso pode gerar junto a determinados segmentos religiosos.

Em alguns casos, tais comentários ou compartilhamentos colocavam em xeque o que era afirmado pela página, tensionando e ressignificando seus conteúdos junto a outros usuários. Isso ocorreu em uma postagem de convite do DC ao Encontro Nacional<sup>11</sup>. No campo de comentários, a usuária “Thamires” levanta o debate:

**Thamires A. C.** – Vcs sabem que a Igreja acolhe cada um de vocês e os ama e ao mesmo tempo oferece um caminho de santidade fora do pecado né? *A prática homossexual é pecado. Não existe católico LGBT. Católico respeita e ama o irmão, mas não aceita o pecado!* (grifo nosso) [3 ago. 2014 às 06:05].



Tal comentário foi aprovado por outros usuários via “curtidas”. Diante de tais afirmações peremptórias sobre a relação catolicismo-homoafetividade, a página responde, gerando o seguinte diálogo com “Thamires” e outros usuários:

**Diversidade Católica** – Cara Thamires [nome lincado], agradecemos seu contato e *temos a certeza* de que você veio compartilhar conosco o seu ponto de vista *na melhor das boas intenções*. Porém, estamos aqui para dar testemunho de que *é possível, sim*, conciliar a plena vivência da fé católica com as identidades LGBT. *Caso você se interesse por conhecer nosso ponto de vista e experiência e queira se engajar em um diálogo construtivo*, um bom lugar para começar é lendo as perguntas frequentes do nosso site, aqui: [link] [3 ago. 2014 às 14:42]

**Hugo T.** – Vocês sabem o que é verticalidade do catolicismo? *Não existe "ponto de vista" na Igreja Católica. Existe a interpretação da bíblia ensinada por Roma e seguida por nós*. Mas de qualquer forma, seria interessante saber o "ponto de vista" de Levítico 18:22, Levítico 20:13 e Carta de São Paulo aos Romanos 1:18-32. [3 ago. 2014 às 15:06]

**Diversidade Católica** – Hugo [nome lincado], você sabe que Levítico 19, 27 proíbe os homens de ter o cabelo curto e a barba aparada como você, né? *Você parece mal informado a respeito da doutrina da Igreja Católica, meu irmão*. Te convidamos a ler o catecismo e outros documentos da Igreja, como o decreto Unitatis Redintegratio e a Constituição Pastoral Gaudium et Spes. *Paz e bem!* [emoticon sorriso] [3 ago. 2014 às 15:13]

**Diversidade Católica** – Com relação à doutrina da Igreja a respeito da exegese bíblica, Hugo [nome lincado], recomendamos uma visita às nossas perguntas frequentes, no link que indicamos à Thamires [nome lincado] ali em cima, ok? Abs! [3 ago. 2014 às 15:17]

Nesse debate público sobre o “católico” entre os diversos interagentes em rede, os responsáveis pelas páginas assumem um papel de “especialistas religiosos” na economia de sentido desse ambiente. A mediação entre o “canonicamente certo” e o “canonicamente errado”, de certa forma, passa por esses novos *gatekeepers*. Os dois usuários críticos acima, mas também os demais interagentes que acompanham o debate com suas “curtidas”, reconhecem a página e seus administradores como possíveis especialistas dotados (ou desprovidos) de experiência, legitimidade e competência específicas nas suas propostas (daí a necessidade da crítica). Essa interação sociodigital é marcada pela contribuição entre os participantes, ou seja, por ações comunicacionais voltadas à construção de sentido religioso por parte de interagentes conectados e mutuamente acessíveis.

No dia 28 de julho de 2014, a página operou outro nível de reconexão, ao publicar um dos resultados do Encontro Nacional, o *Manifesto de Grupos Católicos LGBT do Brasil*<sup>2</sup>, acerca dos princípios que norteiam a ação e a contribuição dos grupos em torno da cidadania LGBT na Igreja. Na mesma postagem, a página escreveu: “Convidamos tod@s a ler, refletir, compartilhar, divulgar e debater por aí” (grifo nosso). Trata-se de uma ação interacional que visa a levar o usuário a fazer outras ações comunicacionais no interior da plataforma.

Nas postagens sobre o manifesto, a página também afirmava que, “ao longo das próximas semanas, vamos compartilhar aqui algumas das reflexões nascidas desse diálogo”. E isso foi feito mediante outras modalidades de reconexão: primeiro, com a criação de um

álbum no interior da plataforma, que foi autocompartilhado pela página, um dia depois do encontro<sup>13</sup>. Nesse álbum, além das fotos do encontro e de seus diversos participantes, a página também postava diversas imagens de tela capturadas dos perfis pessoais de diversos participantes no Facebook, antes, durante e depois do evento, como forma de fazer circular testemunhos, depoimentos e agradecimentos que poderiam ficar restritos às redes comunicacionais online desses usuários, reconectando-os com outros circuitos, como os da própria página. A cada nova foto ou grupo de fotos carregados, geravam-se novas postagens na página, realimentando seu fluxo circulatório com “curtidas”, comentários e compartilhamentos específicos para cada imagem. Assim, o ambiente digital se converte em um complexo locus de ações comunicacionais diversas que são efetivamente realizadas em tal ambiente ou que “circulam” nele reconstruídas discursiva e simbolicamente.

Como resultado do Encontro Nacional de 2014, além da publicação do manifesto, de modo especial, também foi articulada a *Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT*, composta por diversos grupos de católicos LGBT brasileiros. Tal rede, logo na sua articulação, também assumiu como “sede”, justamente, uma página oficial no Facebook<sup>14</sup>.

Desse modo, a plataforma Facebook, apropriada e ressignificada pelo DC, torna-se um espaço público alternativo para que os interagentes – especialmente as minorias e os sem voz eclesiais – também possam tomar a “palavra pública” sobre o catolicismo – reconhecido como “diverso” –, publicando sua opinião e oferecendo um eixo sócio-tecnosimbólico de resistência às delimitações doutrinárias da instituição religiosa ou do senso comum, no fluxo da circulação midiática.

### **Análise da análise: a reconexão como processo sociossimbólico**

O ambiente digital, como vemos, possibilita uma complexa rede de interações comunicacionais, em que plataformas como o Facebook passam a ser compartilhadas midiaticamente por interagentes diversos em torno de práticas religiosas. Em tais plataformas sociodigitais, os diversos interagentes – não apenas a instituição Igreja, mas também indivíduos e grupos minoritários e alternativos – podem produzir uma “palavra pública” e também agir publicamente sobre o fenômeno religioso católico. Eles encontram formas de *(re) dizer* e *(re) fazer* os discursos, os símbolos, as crenças e as práticas católicas, mediante imagens, textos, vídeos.

Assim, as interações sociais em redes comunicacionais online operam principalmente por reconexões, nas quais se manifesta a *experimentação e a invenção social* sobre o “católico” nos processos de circulação comunicacional. Tais reconexões se explicitam como “ultraconexões”, “conexões *novas*”, justamente por emergirem de modo complexo na conjuntura das interações singulares no contexto específico das páginas do DC, na inter-relação com interfaces e protocolos, indo além do já dado em termos sociais, tecnológicos e simbólicos.

No contexto religioso em questão, as reconexões revelam a experimentação social sobre o “católico” nos processos de circulação comunicacional, em que é possível partir de algo já dado (pela tradição, pela doutrina, pela instituição etc.) e chegar a algo novo, *inventando-o* comunicacionalmente (*in + venire*), em um movimento circulatório indeterminado e irreversível, por meio de práticas conexiais, que se somam às práticas tradicionais de construção do catolicismo, complexificando-as.

Em nossas análises, encontramos diversas modalidades de reconexão, que são inter-relacionáveis, já que uma determinada ação pode ser enquadrada em uma ou mais dessas

categorias, de acordo com a complexidade local das interações. Categorizamos-las conforme a tabela abaixo (Tab. 1).

<i>Reconexões por assimilação</i>	Adesão por parte dos interagentes a conteúdos postos em circulação por outros, mediante “curtidas” ou compartilhamentos incorporados, sem modificação em relação ao original.
<i>Reconexões por ênfase</i>	Construções simbólicas (textos, imagens, áudios, vídeos) por parte de interagentes que manifestam seu reconhecimento, consentimento, apreço, agradecimento em relação a ações comunicacionais outras.
<i>Reconexões por complementação</i>	Construções simbólicas que aprofundam e desdobram os sentidos construídos por outros interagentes em relação a um conteúdo específico, mediante o acréscimo de outros elementos, mas situando-se no mesmo universo simbólico. Insere-se aqui o uso de elementos extratextuais como <i>emoticons</i> e <i>emojis</i> .
<i>Reconexões por menção</i>	Mediação por parte de um interagente entre um conteúdo e outros interagentes, ou entre interagentes, recorrendo ou não a funcionalidades específicas das plataformas para esse fim. Gera-se um “subfluxo” comunicacional de tal postagem. A “menção temática” envolve o uso de <i>hashtags</i> , em que uma postagem é inserida em outro fluxo comunicacional paralelo. Busca-se fazer o conteúdo circular por outras redes comunicacionais online, ou até mesmo fora do ambiente digital, mediante a menção de interagentes extraplatafórmicos ou transmidiáticos.
<i>Reconexões por “marcação”</i>	Referenciação de um conteúdo a outro interagente, que é identificado no próprio conteúdo, como no caso da “marcação” de fotos no Facebook. O conteúdo não apenas é indicado a outro interagente (como no caso das menções), mas é “fundido” com o próprio interagente mediante tal reconexão: a foto remete ao usuário que remete à foto.
<i>Reconexões por autorreferenciação</i>	Ações comunicacionais de autorreconhecimento dos interagentes, que constroem sentido sobre si mesmos, como estímulo para a interação e incremento para seus próprios fluxos circulatórios, por exemplo, mediante autocompartilhamentos ou autocomentários.

<i>Reconexões por remediação</i>	Ações comunicacionais intraplatafórmicas que se articulam com elementos midiáticos extra-platafórmicos (como tuítes postados no Facebook) ou que, ao contrário, levam potencialmente o interagente para outros ambientes midiáticos extraplatafórmicos (como a publicação de links externos). Reconnectam-se, assim, vários circuitos midiáticos, fazendo os interagentes transitarem por diversos fluxos.
<i>Reconexões por adaptação</i>	Ações comunicacionais que se apropriam de um conteúdo alheio e fazem coisas não previstas ou desvinculadas do contexto comunicacional original, recontextualizando e ressignificando tal conteúdo para seus próprios fins, com o acréscimo de novas camadas de sentido.
<i>Reconexões por suspensão</i>	Construções simbólicas que manifestam tensionamentos e questionamentos críticos em relação a determinado conteúdo ou interagente, colocando-o em “suspenso”. Isso se dá mediante perguntas e solicitações de aprofundamento, explicações, esclarecimentos, voltados ao desdobramento da interação.
<i>Reconexões por subversão</i>	Construções simbólicas que se posicionam contra, rebelam-se e manifestam sua objeção e oposição frontal e agressiva a um conteúdo ou interagente, na tentativa de desconstruí-lo simbolicamente. Emerge aqui o conflito e a divergência explícita nas interações em redes comunicacionais online.

Tabela 1 – Modalidades de reconexão. Elaborado pelo autor.

Analisadas no âmbito religioso, tão marcado por simbólico-discursividades históricas e demarcadas por práticas tradicionais, as reconexões articulam-se em torno de *lógicas de condensação*, em um triplo sentido, vinculado com a sintetização e a conectivização características da midiatização digital: 1) “liquefazendo”, “diluindo” os símbolos católicos na constante descontextualização dos conteúdos em rede; 2) “juntando”, “amontoando” novamente tais símbolos mediante recombinação com outros interagentes, símbolos e contextos; e 3) “engrossando” o fluxo circulatório com tais reconstruções, dinamizando-o.

A reconexão, portanto, atua como processo “condensador semiótico” (Lotman, 1996). Nele, o símbolo atravessa “o espessor das culturas”, mantendo a sua “essência invariante”, é reconectado com outros símbolos, interagentes e contextos socioculturais, e “se transforma sob a sua influência e, por sua vez, o[s] transforma” (ibid., p. 146, trad. e grifo nossos). Em seu nível simbólico, as reconexões operam uma redução da complexidade social mediante sua “dimensão organizadora do comum” (Sodré, 2014, p. 275). Em seu nível social, as reconexões conectam as instâncias de produção e recepção, em sua comuta-

bilidade, e, ao conectarem-nas, fazem emergir as diferenças em termos de ação sociossimbólica.

Como vimos nos casos analisados, as redes surgem a partir de uma *ação* de conexão, de um *trabalho* em rede (*net-work*); ou seja, as conexões não existem “em si mesmas”, mas são construídas e mantidas constantemente pela ação sociocomunicacional via dispositivos. Mesmo em um simples compartilhamento de conteúdo, não há apenas transmissão de informação, mas uma conexão de conexões (sociais, tecnológicas, simbólicas) que rearticulam as redes já existentes em novas redes.

Aquilo que é visto como mero “espalhamento”, “disseminação”, “propagação”, “memética”, na realidade, envolve uma complexa ação circulatória operada pelos diversos interagentes em rede. Vemos, assim, que o sentido se constrói em circulação, “*preso em feixes de relações* – situação que afastaria a interação das possibilidades de equilíbrio e de linearidade. Em lugar de sentidos atribuídos, desponta a indeterminação” (Fausto Neto, 2013, p. 45, grifo nosso). *Sem ação de reconexão, não há rede.*

### Considerações finais

O que o caso *Diversidade Católica* nos permite constatar é que os diversos interagentes em rede *falam sobre e fazem algo com* o “religioso” – neste caso, o “católico” – para além da oferta religiosa institucional-eclesiástica ou midiático-corporativa disponível na internet, em termos de reconstrução dos sentidos católicos, na circulação comunicacional digital. Nas presenças religiosas em rede, para além da “produção” eclesial institucional histórica e tradicionalmente concebida, entra em jogo também uma instância produtora emergente, que não se restringe ao papel de “receptora”, mas cria espaços próprios de produção pública de sentido sobre o “religioso”, para além (ou aquém) dos interesses da Igreja-instituição e de suas autoridades.

Mas isso não significa o abandono ou o desaparecimento das mediações tradicionais, seja do profissional midiático, seja da autoridade eclesial: as competências comunicacionais adquiridas por um simples internauta lhe permitem “*dialogar com* os especialistas [canônicos e também com os demais internautas] ou mesmo *contradizê-los* desenvolvendo contraespecialidades” (Flichy, 2010, p.9, trad. e grifo nossos). Graças a tais ações sociocomunicacionais em rede, os saberes-fazeres específicos do campo religioso, antes restritos aos iniciados, ou do campo midiático, antes restritos aos técnicos, passam a ser disponibilizados, “vulgarizados”, “secularizados”, “profanados” em redes de poder religioso não mais centralizadas. Conectam-se em redes diversas, gerando conhecimentos e práticas específicos.

Entrevê-se, na multiplicidade e na imprevisibilidade dos interagentes e de suas interações, a construção e a reconstrução de um universo simbólico estável, mas não estático nem monolítico, a partir da diversidade católica. Nesse sentido, o “católico” seria a manifestação inferencial de que a existência social do catolicismo, hoje, no ambiente digital, é ainda mais fortemente o resultado da interação comunicacional articulada em gestos de reconexão. Em redes comunicacionais online, o fenômeno religioso também se manifesta não apenas como ações de *religação* (*religare*) entre o humano e o divino, mas principalmente de *reconexão* entre o humano e o divino, em suas mediações sociossimbólicas: trata-se de reconectar, *sociossimbolicamente*, aquilo que, na realidade, está (ou, segundo a instituição eclesial – deveria estar) desconectado, separado (como o catolicismo e a homoafetividade).

Ocorre, assim, uma experimentação religiosa sociossimbólica, que caracteriza uma prática religiosa específica das sociedades em midiatização. No fluxo circulatório digital, o “católico”, como macroconstruto sociorreligioso, explicita um “ser-conexial” próprio, ou seja, “ações sobre ações” em rede sobre as crenças e as práticas católicas. A articulação entre práticas sociais sobre a religião e plataformas tecnológicas de acesso público e alcance ubíquo, desencadeia, portanto, um processo de liberação de uma grande energia social de reconstrução cultural dos sentidos religiosos. Nessas interações, vão sendo construídos saberes-fazeres tradicionalmente reservados aos clérigos sobre as religiões, em que os vínculos comunitários se constituem e se sustentam mediante a ação comunicacional em rede.

Percebe-se o “desaparecimento do controle *a priori*” por parte da instituição religiosa em termos teológico-doutrinários católicos, o que “aumenta também os efeitos de seleção social” (Cardon, 2011, p. 40, trad. nossa) em torno dos elementos que compõem o “religioso”. Nasce, assim, uma prática político-ecclesial dos usuários comuns, desenvolvendo circuitos de observação crítica das religiões e constituindo “outro ponto religioso” a partir de onde podem expor suas demandas e suas teologias próprias, que, sem tal circuito, poderiam continuar invisibilizadas.

Tais ações geram desdobramentos e desvios na prática religiosa, que solicitam, cada vez mais, um acompanhamento atento.

Recebido em: 30 jun. 2016

Aceito em: 19 fev. 2017

<sup>1</sup> Entendemos por plataforma sociodigital os padrões comunicacionais online caracterizados por interfaces e protocolos multimodais (como Twitter, Facebook, Instagram etc.), que envolvem, ao mesmo tempo, softwares, sites e aplicativos próprios, todos interconectáveis e que podem ser acionados mediante os mais diversos aparatos digitais (computador, celular, tablete), a eles se ajustando de modo interdependente.

<sup>2</sup> Dados mais recentes, segundo o Censo 2010 do IBGE, disponíveis em: <<http://migre.me/ddYsQ>>.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/diversidadecatolica>>.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/733498820049932/>>.

<sup>5</sup> Trata-se das diversas matrizes de interconexão e comunicabilidade em plataformas sociodigitais.

<sup>6</sup> Tais debates ganharam ainda mais força com a eleição do Papa Francisco, que, logo no início de seu pontificado, pronunciou a famosa frase: “Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgar?”, a primeira vez na história em que a palavra “gay” foi pronunciada por um papa. No contexto eclesial brasileiro, tal realidade também se torna cada vez mais forte, embora entre tensões e desconfianças. Uma das principais revistas de reflexão teológico-pastoral católica no Brasil, *Vida Pastoral*, levantou a questão da homoafetividade e a fé cristã na sua edição de dezembro de 2014, provocando grande debate. Na edição, o padre e teólogo Luís Corrêa Lima afirma que um “*importante sinal dos tempos atuais* é a visibilização da população homossexual. [...] Os gays fazem parte da sociedade e, ao se visibilizarem, almejam cidadania plena, com os mesmos direitos e deveres dos demais” (LIMA, 2014, p. 29-30, grifo nosso). Esse “sinal” aponta para uma realidade sociocultural emergente que provoca e convoca a Igreja a tomar uma posição. Reconhece-se que esse “sinal” precisa ser “visibilizado” na cultura, em suma, *comunicado*.

<sup>7</sup> Disponível em: <[http://www.diversidadecatolica.com.br/quem\\_somos.php](http://www.diversidadecatolica.com.br/quem_somos.php)>.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://diversidadecatolica.blogspot.com.br>>.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/diversidadecatolica>>.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/gLB3Nf>>.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/kUdPVI>>.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/sXEH8j>>.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/EPfC8G>>.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/redenacionalcatolicoslgbt>>.

## Referências

- BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante**. São Paulo: Ática, 1994.
- CARRANZA, Brenda. **Catolicismo midiático**. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.
- CARDON, Dominique. **La démocratie Internet : promesses et limites**. Paris: Seuil, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** (A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1.). 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FAUSTO NETO, Antonio. Uma palavra a mais... In: GOMES, P. G. **Da Igreja Eletrônica à Sociedade em Mídia**. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 9-14.
- \_\_\_\_\_. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: BRAGA, J. L. et al. (orgs.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, 2013, p. 43-64.
- FLICHY, Patrice. **Le sacre de l'amateur : Sociologie des passions ordinaires à l'ère numérique**. Paris. Éditions du Seuil, 2010.
- HOOVER, Stewart M. **Media and Religion**: White Paper from The Center for Media, Religion, and Culture. Boulder: University of Colorado, 2008. Disponível em: <<http://migre.me/8UUZT>>.
- IBRUS, Indrek. Una alternativa: la evolución de los medios abordada desde la semiótica de la cultura. In: SCOLARI, C. A. (org.). **Ecología de los medios: entornos, evoluciones e interpretaciones**. Barcelona: Gedisa, 2015, p. 221-246.
- LIMA, Luís Corrêa. Homoafetividade e evangelização: abrir caminhos. **Vida Pastoral**, São Paulo, ano 55, nº. 297, p. 29-36, jul.-ago. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/zLV7ro>>.
- LOTMAN, Iuri M. **La semiosfera 1: semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 8ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SBARDELOTTO, Moisés. **E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet**. Aparecida: Santuário, 2012.

- \_\_\_\_\_. O caso @Pontifex e a reconstrução do religioso em dispositivos conexiais. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 57-72, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/emXsfF>>.
- \_\_\_\_\_. @Franciscus, o papa no Instagram. Uma breve análise comunicacional. **IHU Online**, São Leopoldo, v. 1, p. 17-19, 2016a. Disponível em: <<https://goo.gl/OG4fIe>>.
- \_\_\_\_\_. **“E o verbo se fez rede”**: uma análise da circulação do “católico” em redes comunicacionais online. 2016. 496 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) -- Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2016b. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5366>>.
- SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, R.; BARBALHO, A. (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 11-14.
- \_\_\_\_\_. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.
- STEIL, Carlos A.; TONIOL, Rodrigo. O catolicismo e a Igreja Católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no Censo de 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p.